
LINGUAGEM, CULTURA E IDENTIDADE NO CONTO “OS HOMENS DA TERRA”, DE RAY BRADBURY

Language, culture and identity in Ray Bradbury’s “The Earth men”

Fabianna Simão Bellizzi Carneiro¹

Alexander Meireles da Silva²

RESUMO: A história das nações nos mostra que a hegemonia econômica e política de alguns países os colocam em posição de destaque no panorama mundial. Graças a esta posição, certos governos praticam atos de exploração seja econômica, de reservas naturais ou de mão de obra contra países tidos como inferiores do ponto de vista dos que os exploram. Na contemporaneidade, notamos que a hegemonia econômica norte-americana ainda impera sobre várias partes do planeta, muito embora o país tenha passado por fortes abalos econômicos na primeira década do atual século. O que se pretende, com este trabalho, é fazer uma análise do conto “Os homens da Terra” (1951), do escritor norte-americano Ray Bradbury, que nos mostra justamente uma ótica invertida: tripulantes americanos que pousam em Marte e que são ridicularizados e menosprezados pela população local. Este conto, que faz parte do *corpus* da dissertação “Onde vivem os monstros: o espaço da alteridade na literatura fantástica contemporânea” possibilita uma análise que permite intercalarmos importantes questões como identidade, cultura e linguagem à escrita de Ray Bradbury. Por se tratar de um trabalho analítico, a pesquisa se sustenta em fontes bibliográficas que serão devidamente referenciadas ao longo do texto.

Palavras-chave: identidade – cultura – linguagem

ABSTRACT: The history of nations shows us that the economic and political hegemony of some countries puts them in a prominent position on the world scene. Thanks to this position, some governments practices acts of economic exploitation of natural resources or labor against countries deemed as inferior in terms of those ones which operating them. Nowadays we note that the U.S. economic hegemony still reigns over several parts of the planet, even though the country has faced strong economic shocks in the first decade of the present century. The aim of this work is to analyze the short story "The Earth men" (1951), by the North-American writer Ray Bradbury, who shows us just an inverted perspective: A North-American crew that lands on Mars and are ridiculed and despised by the native population. This tale, which is part of the corpus of the dissertation "Where the monsters live: the space of otherness in contemporary fantastic literature", provides an analysis that allows us to approach important issues such as identity, culture and language to Ray Bradbury' writing. Because this is an analytical work, the research is supported by critical bibliographical sources that will be properly referenced throughout the text.

Keywords: identity - culture - language

1

2

INTRODUÇÃO

Stuart Hall em *A identidade cultural na pós-modernidade* observa que “(...) as identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da *representação*.” (2000, p.48, grifo do autor)

Os estudos sociais contemporâneos têm colocado em relevo discussões em torno de questões identitárias. Questões como: o que se entende por identidade, até que ponto as identidades são construídas ou imanescentes, por que construir uma identidade ou quem se beneficiaria com tais construções, enfim, têm preenchido artigos, compêndios e fazem parte de profícuas discussões nos meios acadêmicos. De fato nos agarramos, muitas vezes, a este conceito um tanto quanto subjetivo, mas que permite não ficarmos tão à deriva em um mundo cada vez mais dinâmico, fugaz e prenhe de informações que se tornam obsoletas em questões de horas.

Nosso contato com o outro, na contemporaneidade, nunca foi tão tênue e descartável. Não seria escopo deste trabalho levantar motivos de ordem emocional ou psicológica que nos levem a uma análise desta fragilidade em nossas relações pessoais, mas podemos levantar algumas relações entre esta referida fragilidade e a dinamicidade presente em nossas sociedades. Desta forma, podemos destacar que o conceito de identidade ganha cada vez mais adeptos conforme avançamos em um cenário difuso e opaco que delinea o *zeitgeist* do século XXI. Como bem observa Zygmunt Bauman em *Identidade*, temos que “O anseio por identidade vem do desejo de segurança, ele próprio um sentimento ambíguo.” (2005, p.35)

Entrelaçado ao conceito de identidade, termos como linguagem e cultura serão sublinhados ao longo deste trabalho justamente por reforçarem a manutenção das questões identitárias, haja vista a importância de se frisar a unidade nacional de um país, sociedade ou comunidade de forma a não permitir o apagamento dos traços que compõem sua história, sua tradição e seus referenciais.

De forma a melhor consubstanciar um trabalho que se pretende multidisciplinar, por trazer contribuições de áreas como ciências sociais, estudos linguísticos, estudos culturais e outras, será necessária uma passagem pelos estudos históricos para que melhor possamos situar o conto em análise e melhor compreendermos o contexto atual de crises sociais na pós-modernidade.

DO ESTADO NAÇÃO À CONTEMPORANEIDADE

Voltando às citações de Hall em *A identidade cultural na pós-modernidade*, o autor observa que “(...) a identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da certeza.” (HALL *apud* MERCER, 2000, p.9).

Importante teórico e estudioso de questões envolvendo identidade, Stuart Hall debruçou-se sobre o termo tendo o cuidado de não conceitualizá-lo, mas problematizá-lo. De acordo com o autor, o que está sendo desmantelado não é o esquema actancial da identidade. De fato, as transformações que têm ocorrido de forma rápida nas últimas décadas do século XX é que causam esta falsa sensação de perda de identidade.

As sociedades atuais vivenciam mudanças estruturais, “(...) fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade (...)” (HALL, 2009, p.8). Estas mudanças perturbam uma ordem até então tida como fixa e imutável: éramos “sujeitos integrados” (2009, p.9). Nosso papel em nossas famílias e sociedades era determinado quando nascíamos - a profissão a ser seguida (para os homens, pois às mulheres era imposto o serviço doméstico); o esposo que conduziria a esposa ao altar; a religião a ser cultuada, enfim. Como bem defende Hall: “O centro essencial do eu era a identidade de uma pessoa.” (2000, p.11).

Esta concepção de identidade fixa teria suas bases históricas no Iluminismo³, quando se idealizava uma noção de sujeito unificado, cartesiano, dotado de conceitos racionais e científicos. Na contemporaneidade, é justamente esta unidade que está sendo discutida. Se antes as pessoas seguiam um único papel pré-determinado pela sociedade, hoje discute-se os vários papéis aos quais nós, atores sociais, somos constantemente levados a interpretar. Mais ainda: teoriza-se a respeito das várias identidades que assumimos cotidianamente. Como oportunamente coloca Hall, há que se destacar o seguinte:

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o

³ Stuart Hall faz um interessante percurso histórico do sujeito do Iluminismo ao sujeito pós-moderno. Na obra *A identidade cultural na pós-modernidade* (2000), Hall nos oferece um texto que mostra a descentralidade não da identidade, mas as mudanças históricas afetando nossas vidas e sociedades e criando esta sensação de perda de si.

nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortada “narrativa do eu”. (HALL, 2000, p.13, grifo do autor)

Este perfil de identidade unificada e centralizada em torno de um só pensamento, desde o nascimento até a morte do sujeito, cabia perfeitamente em uma época na qual cada nação defendia seus interesses econômicos, políticos e sociais. Faz-se uma referência, aqui, ao conceito de estado-nação, que vivenciou sua época áurea até fins do século XVIII quando se inicia a industrialização em larga escala. Os estados-nação não suportariam o ritmo frenético de mudanças que respalda as atuais sociedades e economias. De acordo com Anthony Giddens em *As consequências da modernidade* (1991), destacamos que “(...) as civilizações tradicionais podem ter sido consideravelmente mais dinâmicas que outros sistemas pré-modernos, mas a rapidez da mudança em condições de modernidade é extrema.” (1991, p.15)

Este ritmo intenso de mudanças e transformações confere às sociedades modernas tamanha complexidade que faz com que o antigo sujeito cartesiano do Iluminismo sintam-se, na atualidade, sem identidade, descentrado e até mesmo perdido: “O Estado-nação (...) não é mais o depositário natural da confiança pública. A confiança foi exilada do lar em que viveu durante a maior parte da história moderna. Agora está flutuando à deriva em busca de abrigos alternativos (...)” (BAUMAN, 2005, p.51).

Desta forma as pessoas retomam antigos valores e tradições na esperança de que certos símbolos, crenças, religiões, entre outros, lhes devolvam a suposta segurança que há muito o estado-nação lhes fornecia. Exemplos emblemáticos como o reforço da cultura nacional, o resgate da herança cultural, conceitos como brasilidade, africanismo, dentre outros, tentam trazer de volta uma identidade que, conforme visto, nunca existiu. Como bem observa Kathryn Woodward (2009):

Para lidar com a fragmentação do presente, algumas comunidades buscam retornar a um passado perdido, ordenado por lendas e paisagens, por histórias de eras de ouro, antigas tradições, por fatos heroicos e destinos dramáticos localizados em terras prometidas e locais sagrados. (WOODWARD *apud* DANIELS, 2009, p.23)

Isto nos mostra que muitas nações, na contemporaneidade, tendem a afirmar de forma veemente uma suposta identidade não só como resgate aos antigos valores, mas também com o intuito de reforçarem suas veleidades. O lado perverso disso são as guerras religiosas, os atos vários de discriminação racial, social e linguística, culminando em violência e mortes. E aqui cabe um importante questionamento: existe cultura superior, língua

superior, nação superior? A quem caberia tal superioridade? A próxima seção fornecerá um direcionamento a estas questões.

LINGUAGEM, CULTURA E IDENTIDADE: QUAIS SÃO OS REFERENCIAIS?

No conto em análise, “Os homens da Terra”, uma expedição espacial pousa em Marte. O capitão Williams então bate à porta de uma moradora do local e é recebido pela Senhora Ttt. Para surpresa do capitão, ela o recebe falando inglês: “A senhora fala *inglês!* O homem de pé na porta estava espantado. Eu falo o que falo, respondeu ela. É um *inglês* formidável.” (BRADBURY, 1980, p.28, grifos do autor)

Roland Barthes no livro *Aula* (1997) faz uma importante menção ao poder e como ele atravessou vários séculos da história do homem, resistindo aos combates que tinham a intenção de acabar com ele. Tarefa quase que impossível, segundo o semiólogo, pois o poder revive e reaparece. Barthes afirma que “Esse objeto em que se inscreve o poder, desde toda eternidade humana, é: a linguagem – ou, para ser mais preciso, sua expressão obrigatória: a língua” (1997, p.12).

O pequeno trecho retirado do conto de Bradbury que aparece no início desta seção, nos permite observar o jogo de poder implícito nos diálogos. O capitão, na posição de colonizador, norte-americano e funcionário do governo, acredita que pode interrogar a senhora com austeridade e arrogância e não entende como a suposta colonizada (ou que ele pretendia como tal) pudesse falar inglês e ainda perfeitamente.

O brilhantismo do autor reside no fato de que ele mostra uma ótica que perturba o capitão norte-americano – a história nos mostra que os colonizadores europeus quando em solo americano no início das Grandes Navegações, por exemplo, tomaram como primeiras providências o apagamento da língua nativa e a imposição da língua do colonizador. Numa leitura metafórica do conto em análise, podemos notar que os supostos colonizados falam o que querem – seja inglês ou qualquer outra língua, não deixando brechas para que outras pessoas imponham suas verdades.

Mas, como determinar qual seria o ponto de vista correto? Existe uma norma a ser seguida? Ao problematizarmos estas questões podemos compreender que não só a linguagem faz parte destes mecanismos que subjagam pessoas, comunidades e até países aos tais

sistemas de poder, bem como outros conceitos como cultura e identidade são manipulados de forma a reter as vontades, desejos e anseios das pessoas e fazer com que sigam o pré-determinado pelos aparelhos de poder.

Louis Althusser, na obra *Aparelhos ideológicos do estado* (1985) faz um minucioso estudo dos aparelhos que serviram de sustentação do poder, desde o poder monárquico, passando por outros poderes até chegar à modernidade. Com o passar dos anos, novos aparelhos ideológicos surgem sempre com a função de garantir “(...) a reprodução mesma das relações de produção.” (ALTHUSSER, 1985, p.74). Althusser constata que sem eles não há como sustentar a ideologia dominante. De uma forma geral, a obra nos fornece importantes pistas de que os poderes que ocupam o estado necessitam de uma força, seja repressiva ou ideológica, que dê conta de assegurar sua permanência. Durante a Idade Média a religião foi a ideologia que mais sustentou o poder monárquico, além a família e de outras instituições. E hoje? O que sustenta o poder estatal?

Vivemos em um mundo dominado pelo poder do capital. Alguns países conseguiram resistir e criaram governos diferentes do governo capitalista, porém a maioria dos países do mundo vive sob a ótica do consumo. Sendo assim, o que sustenta um poder tão vazio de cultura, educação, contestação e tão preche de consumismo? Mais ainda: o que consubstancia um sistema de forma a garantir sua sobrevivência e permanência por tantos anos? Que força é essa capaz de propagar valores embasados no consumo e na aparência em detrimento da essência?

Althusser lançou sua obra em 1969. Muita coisa aconteceu desde então. Muitos aparelhos surgiram, em especial a publicidade – importante aparelho de sustentação da economia capitalista. Não exatamente sustentação do poder governamental (muito embora os governos também se utilizem da propaganda para conseguir votos. Não é escopo deste trabalho este tipo de abordagem, que pode ficar a cargo de pessoas que estudam o discurso sustentador do marketing político, por exemplo), mas sustentação das empresas que vendem seus produtos e que compõem o sistema capitalista, afinal, um governo calcado nas leis da produção e do capital precisa de empresas privadas e não públicas.

Esta sustentação tem como princípio a linguagem, conforme destacado em parágrafos anteriores. É a linguagem, enquanto força ideológica, que permite que se

propaguem valores baseados no consumo, na moda, em pensamentos que estejam em voga no momento, apenas para citar alguns exemplos.

Nas sociedades atuais, países que detenham hegemonia econômica e que de certa forma regem as leis do comércio mundial, ditam as regras do consumo ao resto do mundo. Estados Unidos, alguns países do bloco europeu, países emergentes da América Latina e certos países asiáticos podem se impor perante países que não tenham este poderio. Durante alguns anos (principalmente nas cinco décadas que se seguiam ao final da Segunda Grande Guerra) os norte-americanos foram unânimes. Seu governo ditou as regras no mercado mundial, impondo não só a força econômica, bem como a língua inglesa, valores sociais, culturais, dentre outros. Voltando aos estudos de Stuart Hall, temos que:

As pessoas que moram em aldeias pequenas, aparentemente remotas, em países pobres, do “Terceiro Mundo”, podem receber, na privacidade de suas casas, as mensagens e imagens das culturas ricas, consumistas, do Ocidente, fornecidas através de aparelhos de TV ou de rádios portáteis, que as prendem à “aldeia global” das novas redes de comunicação. Jeans e abrigos – o “uniforme” do jovem na cultura juvenil ocidental – são tão onipresentes no sudeste da Ásia quanto na Europa ou nos Estados Unidos (...) (HALL, 2000, p. 74-75, grifos do autor)

Portanto, na atualidade, os referenciais de língua, identidade e cultura são moldados pelo poder econômico – no caso, o poder econômico norte-americano, que ainda regula o capital transnacional, de forma a garantir o *status quo* desta nação. Daí que se destaca a língua inglesa (a que é falada nos Estados Unidos, de preferência a utilizada em Nova Iorque) como sendo a mais importante do mundo, a identidade norte-americana como a mais importante e a cultura do país como sendo a cultura que regula os modos de agir de quase todos os países do globo.

Desta forma, a identidade pressupõe uma nefasta diferença, ou seja, de um lado os norte-americanos e de outro as pessoas que são consideradas como diferentes, exóticas, latinas e tantos outros termos pejorativos e exclusivos. Com bastante propriedade, Tomaz Tadeu da Silva em *Identidade e diferença* (2009) analisa que:

(...) a identidade e a diferença são o resultado de um processo de produção simbólica e discursiva. (...) A identidade, tal como a diferença, é uma relação social. Isso significa que sua definição – discursiva e linguística – está sujeita a vetores de força, a relações de poder. Elas não são simplesmente definidas; elas são impostas. Elas não convivem

harmoniosamente, lado a lado, em um campo sem hierarquias; elas são disputadas. (SILVA, 2009, p.81)

Isto fica muito bem marcado no conto de Bradbury quando o Capitão Williams, após a primeira abordagem à Senhora Ttt, diz: “A senhora é *marciana*! O homem sorriu. Naturalmente a palavra não lhe é familiar. É uma expressão da Terra.” (BRADBURY, 1980, p.28, grifo do autor). Mais uma vez notamos a linguagem sendo manipulada de forma a impor suas exclusões: terráqueos norte-americanos *versus* marcianos. Nesta pequena passagem do conto fica implícita a superioridade dos primeiros.

Feitas estas considerações e após terem sido trazidas citações de importantes teóricos, partimos para as devidas análises do conto.

HOMENS DA TERRA OU DE MARTE?

Ray Bradbury, escritor norte-americano, ficou mundialmente conhecido pelo seu romance *Fahrenheit 451* publicado em 1953 e que posteriormente seria filmado por François Truffaut em 1966. Considerado romance de distopia por apresentar uma realidade na qual as pessoas se sentem conformadas e aliadas, Bradbury cria uma realidade imaginária onde não existem livros. Aliás, é comum em sua obra a existência de mundos que fogem do habitual cotidiano por nós vivenciado e que por isso mesmo cria uma série de questionamentos no leitor despertando-o para críticas e desacomodações.

Isto fica evidente no conto “Os homens da Terra”, que apresenta uma fictícia sociedade composta por moradores de Marte que recebem a visita de astronautas norte-americanos. Bradbury desenha um cenário no qual os astronautas são menosprezados e ridicularizados pelos moradores, a ponto de esses fecharem portas das casas com violência ou mesmo fazerem deles motivo de chacota pela cidade. Após peregrinarem pela cidade à procura do prefeito para que este os recebessem com honrarias e festividades, os astronautas são internados em um “asilo de alienados” (BRADBURY, 1980, p.38), passam por consultas com um psicólogo que constata que os astronautas sofrem de “alucinação sensorial e sugestão hipnótica” (1980, p. 42) e por fim são mortos pelo mesmo psicólogo pois esse acreditava que atirando neles estaria promovendo a “dissolução de imagens neuróticas” (1980, p.43)

Os primeiros diálogos do conto reforçam o que havia sido observado em parágrafos anteriores quando se discutiu que a linguagem pode ser um dos instrumentos utilizados pelos mecanismos de poder de forma a impor suas normas e sua ordem. Isso fica evidente quando o capitão se espanta ao perceber que uma das moradoras falava um inglês perfeito, e a moradora responde: “Eu falo o que falo” (BRADBURY, 1980, p.28). Sob o ponto de vista do Capitão Williams, o uso *correto* de sua língua estaria restrito ao seu país e à sua gente, que numa leitura metafórica sinaliza que os colonizadores estariam levando o correto uso de sua língua aos colonizados. Isto vai ao encontro das análises do professor Braz José Coelho na obra *Educação e linguagem* (2007) quando este observa que:

Uma elite de filólogos e gramáticos optou pelo que se chama de *norma culta* – a própria denominação está a denunciar um procedimento preconceituoso, pois se existe uma norma culta é porque se parte da presunção de que haja outra norma que seja inculta; ocorre, no entanto, que o simples fato de existir uma norma linguística já denuncia a existência de uma cultura que a ela está ligada e, inclusive, a produz. (COELHO, 2007, p. 124, grifos do autor)

Trata-se, portanto, de uma questão que atende uma classe dominante que estabeleceu normas gramaticais e linguísticas a serem seguidas desprezando, portanto, as tantas outras manifestações da língua, uma vez que “(...) nenhuma modalidade é melhor do que a outra, linguisticamente consideradas.” (COELHO, 2007, p.123).

Ainda no tocante à linguagem e logo no início do conto, o capitão apresenta-se à moradora como Capitão Jonathan Williams, proveniente da Terra e comandante da “*Segunda Expedição!*” (BRADBURY, 1980, p.28, grifos do autor), pois a primeira tem paradeiro desconhecido. A moradora responde dizendo que se chama Ttt e que habita o planeta Tyrr. Momento em que o capitão retruca dizendo que: “Tyrr, Tyrr. O capitão ria às gargalhadas. Que nome *maravilhoso!*” (1980, p.28, grifos do autor).

Os nomes dos moradores em contraponto ao nome do comandante da tripulação também reforçam a ideologia subjacente aos nomes das pessoas – pessoas ganham importância e destaque com suas credenciais, a posição que ocupam na sociedade, o tipo de trabalho que desempenham, entre outros. Não à toa que o Capitão Williams possui um nome pomposo e uma posição hierárquica alta no escalão militar, enquanto que a Senhora Ttt, na

suposta posição de colonizada possui um nome qualquer, Ttt. A origem do capitão é o planeta Terra, motivo que o faz rir e desdenhar da moradora do planeta Tyrr.

Ironicamente, todos os moradores possuem nomes pouco convencionais, como Iir, Aaa, Xxx, Uuu, Rrr. Tendemos a nomear, a buscar os significantes, a classificar. Bradbury nos mostra que pessoas estão acima de patentes, hierarquias, credenciais, títulos, enfim. Algo que o capitão Williams não conseguia aceitar, pois seus códigos simbólicos pressupõem que nomes pomposos e língua correta pertencem à alta camada.

Este processo também ocorre com a cultura, ou seja, os mecanismos de poder conseguem reforçar os traços que marcam uma cultura tida como superior de forma a sustentar certas posições políticas, econômicas, ideológicas, enfim. Aqui também notamos construções tidas como únicas, verdadeiras, ou superiores. Como adequadamente observa Terry Eagleton, destacamos que:

Como todas as formas mais efetivas de poder, a alta cultura apresenta-se simplesmente como uma forma de persuasão moral. Ela é, entre outras coisas, uma maneira pela qual uma ordem governante molda para si mesma uma identidade em pedra, escrita e som, e o seu efeito é o de intimidar assim como inspirar. (EAGLETON, 2011, p.83)

No conto de Bradbury o capitão tenta, a todo custo, fazer com que os moradores lhe reservem a devida importância que ele acredita possuir. Após ser recebido pela Senhora Ttt, ele é encaminhado a várias outras pessoas que desdenham dele e de sua tripulação. Em um determinado momento, ele desabafa com um dos moradores, o senhor Iii: “Viemos da Terra, temos um foguete, somos quatro entre tripulação e capitão, (...). Gostaríamos que alguém nos desse a chave da cidade ou coisa que o valha, (...) e dissesse: ‘hurra’ e ‘parabéns velhinho’. Coisas assim.” (BRADBURY, 1980, p.34)

O capitão esperava ser recebido com honras e méritos, como é de praxe acontecer quando expedições intergalácticas realizam suas viagens com sucesso. Retomamos Hall quando o autor menciona a importância dos símbolos e representações de forma a fortalecer uma cultura nacional e a partir daí influenciando e moldando as vidas das pessoas. De acordo com o autor, “As culturas nacionais, ao produzirem sentidos sobre a ‘nação’, sentidos com os quais podemos nos *identificar*, constroem identidades.” (HALL, 2000, p.51, grifos do autor). Receber a chave da cidade, como exemplo retirado do conto, seria um dos inúmeros sentidos

propagados de forma a sustentar a construção da identidade, ou seja, as nações buscam conceitos como tradição, costume, praxe, de forma a embasar e solidificar um discurso que mantenha a história de um país fazendo com que as pessoas se sintam ligada ao seu país ou nação.

Importante destacar que o conceito de cultura e seus derivados também é bastante contestado. Em relação à palavra cultural, por exemplo, Bauman observa que seria “(...) uma denominação imprópria ditadas pelos atuais padrões do politicamente correto”. (BAUMAN, 2005, p.67). Bauman relembra que a palavra cultura é recente em nossos vocabulários, apenas para contrapor o conceito de natureza. Sendo assim, como estabelecer parâmetros do que seria cultura superior ou cultura inferior se o próprio conceito é construído?

Ao final do conto O capitão Williams consegue receber a tão sonhada chave. Para sua surpresa não se tratava da chave da cidade, mas da chave de um “asilo de alienados”, onde o capitão e sua equipe são levados para que pudessem passar por um tratamento psicológico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As conquistas de território pelos europeus em terras americanas foram marcadas pela violência e morte. Por causa de interesses econômicos e em nome da superioridade racial e cultural, muitos povos foram dizimados, culturas massacradas e terras tomadas à força. Segundo Hall, “a maioria das nações consiste de culturas separadas que só foram unificadas por um longo processo de conquista violenta – isto é, pela supressão forçada da diferença cultural.” (HALL, 2000, p.59). A imposição de uma hegemonia cultural, além de favorecer interesses econômicos, sobrepõe o colonizado ao colonizador.

Este conto de Ray Bradbury que foi analisado neste artigo permite problematizar estas questões, instigando e desacomodando o leitor ao mostrar um mundo no qual a suposta superioridade norte-americana é, a todo momento, colocada em dúvida.

“Homens da Terra”, classificado como um conto de ficção científica, permite leituras inúmeras de nossas sociedades. Acima e além de conceituações ou classificações em torno da expressão ficção científica, há muito que ser lido nas entrelinhas de seus textos, sejam literários ou cinematográficos. Ainda que seja erroneamente classificada como leitura menor, leitura voltada para classes menos eruditas ou até mesmo subleitura, a ficção científica diz

muito de nossa realidade, principalmente quando interpõem realidades de planetas distintos ou mundos paralelos. O monstro alienígena a ser atacado pode estar representando alguém tido como diferente pelos mecanismos de poder, daí que deva ser dissipado do espaço que compõe as regras estabelecidas a serem seguidas.

Podemos, sim, pensar em novos espaços de convivência das diferentes identidades pós-modernas, onde tanto se postulam misturas raciais e diferentes configurações familiares, por exemplo. Nesta multiplicidade e possibilidades de novos encontros ao redor do mundo, o Outro não pode perder seu espaço nem se fundir em algo diferente de si.

Não se trata de substituir um discurso soberano por outro marginalizado, ou de se buscar uma cultura pura e tradicional, livre de interferências externas. Com os avanços tecnológicos, com a internet ocupando todos os setores de nossas sociedades, com os espaços cada vez mais encurtados e com o rápido fluxo de informações e ideias, não há como falarmos em culturas puras. Felizmente.

Não podemos prever a direção da humanidade, mas podemos pensar em um sincretismo, em uma fusão ou hibridismo que consiga harmonizar as convivências de diferentes culturas ao redor do mundo. E assim recorreremos à literatura de forma a darmos escopo às nossas dúvidas e questionamentos - aqui cabem as contribuições da ficção científica que em muito legitima um discurso baseado na superação das hegemonias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos ideológicos de estado*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

BARTHES, Roland. *Aula*. São Paulo: Cultrix, 1997.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BRADBURY, Ray. *Crônicas marcianas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1980.

COELHO, Braz José. *Educação e linguagem: reflexões ligeiras*. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2007

EAGLETON, Terry. *A ideia de cultura*. Trad. Sandra Castello Brano. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. Trad. Raul Fiker. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1991.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

SILVA, Tomaz Tadeu. (Org.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual*. In: SILVA, Tomaz Tadeu. (Org.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

Recebido em 26 de junho d 2012.

Aceito em 7 de julho de 2012.